



Director literario:

Arzobispo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

CONTO DO NATAL

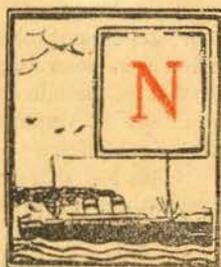
A BONECA DO MENINO JESUS

— A's minhas filhas —

POR

AUGUSTA L. GONÇALVES COSTA

Desenhos de EDUARDO MALTA



O Algarve, nos subúrbios da mais linda povoação, d'este país de fadas e mouras, viviam um casal de riquíssimos proprietários e seus dois filhos, Maria Eugénia de 9 anos e Carlos de 10.

Além dos criados, havia na casa uma criança de 8 anos,

acalentava a sua boneca, porque, como boa mãe, queria adormecê-la primeiro, para, mais descansada, ir ver armar o lindo presépio. E tão enlevada estava na sua missão, que só deu por um ruído na álea próxima, quando um belo Terra Nova se aproximou, seguido de Carlitos que, ao ver a garota, disse com muita animação: — E's tu Nanita?... por isso o Sultão corria para aqui. Anda, vem connosco, vamos buscar flores para a capela. Veem

ai a Eugénia e a Luisa. Nisto, uma voz argentina se ouviu: — Então, Carlos não vens daí?!...

— Vou sim e também a Nanita que está aqui adormecendo a Micas.

— O'ra, óra, vem tu daí, e deixa-a com a boneca...

Maria Ana olhou o pequenito e disse-lhe com meiga tristeza. — Vai já Carlitos, bem vês que a Geninha não gosta que eu os acompanhe.

Carlos seguiu a irmã, dizendo-lhe em tom de censura: — Tu és má, Eugénia. A Anita ficou tão triste e fez-me tanta pena!...

afilhada e protegida de D. Ana, que muito a estimava pela meiguice e bondade do seu caracter, sendo igualmente querida por todos, excepto por Maria Eugénia que dela não gostava.

No dia em que vos apresento as personagens desta pequena história, era véspera do Natal. O dia amanhecera lindo e até o rei Sol, querendo associar-se à festa dos pequeninos, enviára à Terra o seu manto de ouro scintilante.

Na quinta das Rosas ia uma animação desusada, armava-se a capela do Menino Jesus. Anita a pequena orfã, sentada no jardim à sombra dum frondoso caramachão,



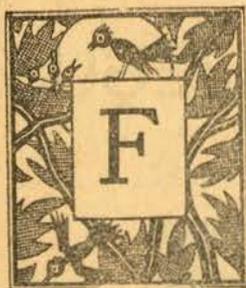
(Continúa na
: página 4) :



O LAGO ROSADO

Por LUCILA S. ROSA

Desenhos de E. MALTA



FLÔR-BELA, uma adorável moreninha, era filha do duque Adalberto.

No seu lindo palácio, rodeada por extensos e maravilhosos jardins, consideravam-a o anjo bom, que todos gostavam de ter perto de si.

Havia anos que sua mãe a duquesa Leocádia, saíra da companhia do marido, por ser má e vingativa, e haver sido a alma danada do palácio, o que deu causa a que o duque apenas a suportasse até Flôr-Bela completar 16 anos. A pequena adorava a dança, e seu pai mandou-lhe vir uma professora que, em poucos anos, lhe ensinou a difícil arte de bailarina.

Flôr-Bela, muito romântica e sonhadora mandou construir, no centro do grande lago do jardim principal, um pequeno palco, que ela própria decorava conforme exigiam as danças que interpretava; o lago era povoado dos mais preciosos cisnes e tornava-se lindo vê-la dançar, no meio d'ele, em noites belas de luar!

As inúmeras pessoas que frequentavam o palácio não se cansavam de a admirar!

Por aqueles arredores costumavam passar, de regresso aos redís, alguns pastores que apascentavam os rebanhos numa serra próxima.

Entre eles, havia um rapaz alto, moreno, que era

o sonho dourado de todas as pastorinhas. Mas quê? Se êle a nenhuma queria requestar!

Teodoro, assim se chamava o pastor, aprendera violino e tão bem tocava que quando, na serra, em músicas melodiosas, o seu arco enchia os ares de suavidade, até as ovelhinhas se deitavam a seus pés, escutando silenciosas. E, ao vê-lo, dizia-se: «Não pode deixar de ser algum príncipe encantado! Pois qual é o simples mortal a quem Deus tenha concedido já talento semelhante?»

Ora, num dia de Agosto, Teodoro demorou-se mais na serra; e já a Lua estendia por sobre a terra os seus raios prateados, quando êle se deitou ao caminho com o rebanho.

Quando, porém, passava em frente do Palácio de Flôr-Bela, ouviu tocar e, como apreciador de boa música, parou e pôs-se a espreitar por entre as grades do jardim; o espectáculo que então se lhe deparou, arrebatou-o de admiração. Sobre o seu palcozinho, decorado à maneira grega, Flôr-Bela, vestida com o traje dêsse país, dançava um bailado, que música invisível acompanhava; o luar, batendo-lhe em cheio, dava ao seu vestido branco, transparências prateadas. Era tal

a graça e a elegância das suas atitudes, que o rapaz só saiu do seu êxtase, depois de a ter visto afastar-se, levada por alguns cisnes.

A duquesa Leocádia, cuja maldade insaciável ainda não tivera ocasião de se vingar da filha, lembrou-se logo de matar Flôr-Bela, destruindo, por êste



modo, a admiração que por ela Teodoro começava a sentir.

Uma noite, conseguindo entrar no castelo, a duquesa agarrou a filha e atirou-a ao lago, dizendo: «Anda Flôr-Bela! Já que tanto gostavas de sôbre ele dançar, dorme agora aí o teu sono eterno!»

E soltando uma gargalhada feroz, afastou-se lentamente.

Houve ainda luar durante umas quatro ou cinco horas, que foram pelo pastor passadas junto às grades do jardim, esperando a todo o momento ver aparecer a radiosa visão; porém, em vez dela, Teodoro notava que, ao aproximar-se do jardim, o lago tomava uma bela côr rosada.

«Aqui há mistério» — pensou o rapaz — e nunca mais esta ideia lhe saiu do pensamento.

Passado um mês, voltou o luar e com êle o pastor, sempre esperando de que alguma noite desvendaria, enfim, o mistério do lago.

Era aquele o último dia de lua; Teodoro não se conteve mais: escalou as grades e, momentos depois, encontrava-se à beira do lago, que intensificou mais a sua cor rosada.

Súbito, um anão surgiu de um maciço de madresilva em flor que havia um instante se tinha formado

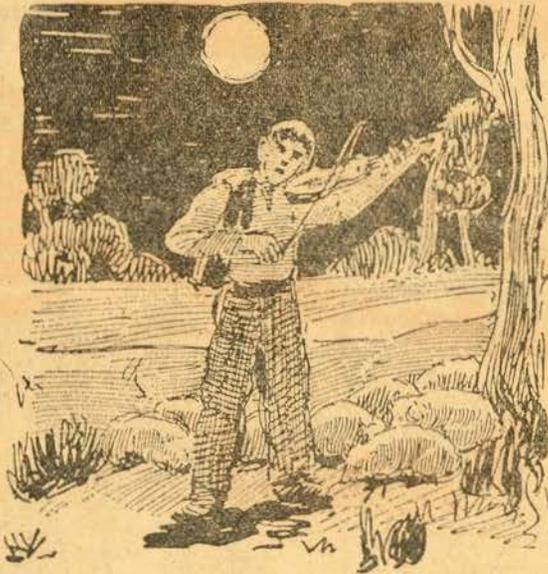
sôbre o palcosito de Flor-Bela. E o anão falou-lhe assim: Teodoro! não quero ver-te triste e vou dar-te a noiva que o teu coração deseja.

Dito isto, tirou uma pena de cada asa a um cisne que passara perto; a ave mergulhou e reapareceu daí a pouco, trazendo à superfície das águas a encantadora Flor-Bela, a quem os cisnes logo transportaram para a margem em que se encontrava Teodoro. Dum salto, o anão juntou-se-lhes, agarrou o cisne ao qual tinha tirado as duas penas, cortou-lhe o pescoço e deitou o sangue sôbre a cabeça de Teodoro, que imediatamente se transformou num esbelto e simpático príncipe.

—Flor-Bela, disse com grande solenidade o anão, apresento-te o teu noivo Teodoro, há dez anos encantado em pastor. E' futuro herdeiro do trono de um país, para o qual partirão ambos, logo que se efectue o vosso casa-

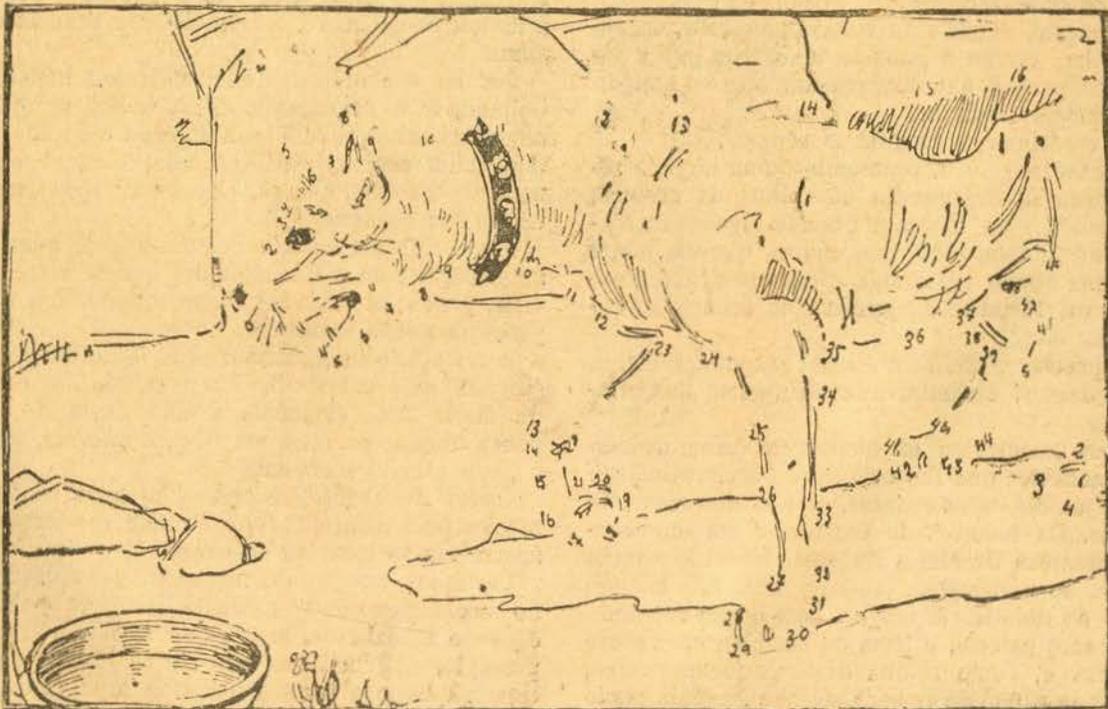
mento.» Isto dizendo, desapareceu, deixando sós os enamorados noivos.

O lago retomara já a sua côr primitiva e os alvos cisnes continuaram deslizando suavemente por sôbre as águas tranquilas...



■ FIM ■

PARA OS MENINOS TRACEJAREM



ADIVINHA: — Onde estará o gato?



A BONECA DO MENINO JESUS

(Continuado da página 1)

Que me importa, retorquiu-lhe a altiva menina, a Anita, a Nanita, é o Ai Jesus, para todos cá em casa, não há ninguém melhor; eu, então, sou a má, pois aborrece-me.

Entretanto, Maria Ana voltava para casa, encontrando no terraço a bondosa madrinha que a interrogou porque não fôra passear com os amiguinhos. Não te disseram? . . .

Sim madrinha; o Carlitos disse-me . . .

Só o Carlos? . . . e, reparando numa lágrima rebelde que se desprendia dos olhos da criança, acrescentou: — a Eugénia disse-te alguma maldade, vamos, minha filha, não chores, que ela há-de ser ainda muito tua amiga. Beijando-a, acrescentou: — vai lá baixo ao jardim que decerto as encontras.

Eu prefiro ir deitar a Micas; respondeu-lhe, e, pouco depois, encontrava-se no quarto dos brinquedos.

Ali se ostentavam os bonitos da Anita, os simples, modestos que lhe comprára a saudosa mãezinha, e outros, mais vistosos, ofertas dos seus protectores. Os bonecos do Carlitos, e um «menage» em miniatura de Maria Eugénia. Havia a mobília de sala de visitas e de jantar, à Luiz XV, o lindo quarto de dormir em mogno, com lindos espelhos, a brilhante baixela, o trem de cozinha, em vistoso alumínio, e, como rainha d'êste pequenino reino, uma linda e grande boneca, de que Eugénia muito gostava, e que o papá lhe ofertára. Porém, muito egoísta, não consentia que as crianças lhe tocas-

sem sequer, e a Anita, então, nem podia olhá-los.

Mas nêsse dia, depois de deitar a sua bonequinha, viu a linda Mimi, assim se chamava a boneca de Eugénia e um louco desejo de pegar-lhe e beijá-la a tentou. Ninguém vê, a Geninha não vem decerto ainda!

Por fim, sentando-se, deitou no colo a boneca, e, beijando-a e acariciando-a, fitava-lhe os lindos olhos castanhos, a cabeleira anelada e o lindo vestido setim azul celeste. Que tempo esteve assim, nem ela o soube. Um grito estridente fé-la despertar do seu encanto.

Maria Eugénia entrou, de subito, pelo quarto e, ao deparar com o lindo quadro que se oferecia à vista, gritou desvairada; Quem te autorizou a pegares na minha boneca?!

A criança, trémula de surpresa, levantou-se, originando uma catástrofe. Mimi, caindo dos braços de Maria Ana, esfacelou o lindo rosto, do qual, pouco depois, só havia um bocado informe, seguro à linda cabeleira anelada,

Gritos de angústia e choros intensos, se repercutiam pelo palacete, cujos moradores alarmados, acorreram ao local do desastre.

Carlinhos, testemunha insuspeita, fez a descrição do acontecimento e a irmã, castigada pelo seu egoísmo e maldade, privada de assistir a armar o presépio, de ir à missa do Menino Jesus e só por especial benevolência autorizada a ir colocar os sapatinhos na chaminé.

Foi uma nuvem a toldar a alegria das crianças.

Maria Ana, coração de criança onde se albergavam os mais nobres sentimentos, não podia esquecer que todo o mal viera de ela pegar na boneca e era com tristeza que assistia a tudo o que supuzera dever causar-lhe tanta animação.



porque lhe não trouxeste também uma boneca, se foi por minha culpa que se partiu a Mimi?!... Então vou dar-lha. E, pegando na boneca, beijou-a muito, depois, apertando-a ao coração, desceu da cama e foi colocá-la no sapato de Eugénia, enquanto lágrimas como pérolas, lhe deslisavam pelas faces contraídas.

Horas depois, as crianças radiantes, mostravam a seus pais os presentes. E a Anita sorria tristemente...

D. Ana, chamando-a comovida, disse: — Minha filha, porque desapareceu da chaminé o teu sapatinho, e porque estava a boneca no sapato da Maria Eugénia quando lá estava também este bilhete que diz: «Eugénia terá para o ano uma boneca igual à de Anita, se deixar de ser má». E vendo a confusão da garota acrescentou: — Oh queridinha, que adorável coração o teu! Fostes dar a lembrança do Menino Jesus a quem tão má é para ti. E beijou-a muito.

Eugénia que, silenciosa, ouvia a mãe, disse à admirável criança: — Mas tu fizestes isso Maria Ana?! Fostes pôr a boneca no meu sapato? Então bem diz a mamã que tu és um anjo! E, comovida, acrescentou, Olha Nanita, queres ser minha amiguinha?... Eu jamais te farei chorar, e estimar-nos-hemos sempre muito, sim?...

Ana lançou-se nos braços da sua amiga, cho-

A' noite, depois de colocar o sapatinho na lareira, já deitada, mas sem poder dormir, lembrava os seus primeiros anos, a sua mãezinha adorada, que o Senhor tão cédo chamara para si, a vinda para casa de seus padrinhos, e o seu imenso pesar pela inimizade que nutria por ela a Maria Eugénia, sendo inúteis todos os esforços que fazia para a tornar sua amiga. Oh! sem este desgosto como ela se consideraria relativamente feliz. E, erguendo as mãos aos Céus, pediu ao Menino Jesus que fizesse o milagre de tornar a Geninha sua amiga. Pouco depois, dormia o seu sono de anjo.

De manhãzinha, um raio de luz, brincando com os lindos cabelos castanhos, despertou-a. O seu primeiro pensamento foi para o Menino Jesus. Lembrando-se de ir vêr o sapatinho, calçou os pequenos silenciosos e, envolvendo-se num abafo, atravessou os corredores e dirigiu-se à cozinha. O que ali viu fê-la estremecer de surpresa. A um canto da vasta lareira, estava uma boneca igual à Mimi. Julgando sonhar, aproximou-se, viu que não se enganava, pois os pesitos da boneca estavam juntos ao seu sapatinho.

No meio, o sapato de Carlitos, com um lindo polichinelo e, ao outro extremo, isolado, o de Maria Eugénia, que o Menino Jesus esquecera de presentear.

Anita, louca de júbilo, pegou no sapato e no lindo presente do Menino Jesus. Correu para o seu quarto e meteu-se na cama com a boneca. Beijava-a e acariciava-a doidamente. — Como é linda e como estou contente! Mas... que dirá a Geninha?!... E, muito triste: — Oh! meu Menino Jesús



rando e rindo de alegria, por ver, enfim, realizado o seu sonho mais querido.

(Continúa na oitava página)

6
imlamum!

NOITE DE NATAL

POR
AUGUSTO DE
SANTA-RITA

Desenho de EDUARDO MALTA



VÉSPERA do Natal!... Falta sòmente
para dar meia-noite meia hora!

.....
Em seu leito, entre gaze transparente,
Tuneca, de seis anos, impaciente,
aguarda, espertinado, essa grande hora
em que o Filho de Deus Omnipotente
e de Nossa Senhora,
desçá do céu e venha por 'hi fó-ó-ó-ora,
entre os astros, baixando, suavemente,
lá do Reino divino, de onde mora,
a fim de colocar o seu presente
no sapatinho que o menino fôra
depôr na chaminé,
confiadamente,

— «E' agora, é agora...
inda não !!...»

Súbito, uma ansiedade,
um desejo sem fim dêle se apossa;
uma curiosidade
que o alvoroça:

— «E se fósse espreitar,
pé ante pé...»

Vê-lo baixar...
chegar
à chaminé;
sem ninguém perceber

nem suspeitar,
sem Ele mesmo ver?!...

Ai mas que lindo, que lindo,
que belo havia de ser
ver o Menino Jesus,
entre uma auréola de luz,
todo contente,
sorrindo,
numa expressão muito doce,
a pôr no seu sapatito
o desejado bonito,
o seu tão lindo presente!

«E se fosse... e se fosse?!»

Dito e feito.

Ei-lo que salta
do leito,
em louco sobressalto,
sentindo, a bater alto,
o coração no peito!

— «Mas aí, (repara agora),
falta
ainda um quarto d' hora!»

«Sentar-se-há
no banquinho,
ao pé

do sapatinho
e, junto à chaminé,
aguardará...!»

Quando faltavam, porém,
dois minutos para a hora
em que o Filho de Maria
Virgem Mãe,
Nossa Senhora,
baixaria
lá do céu,
não ponde mais, — quem diria?!
o Tuneca adormeceu!

Adormeceu mas que importa
se, todavia,
sonhou

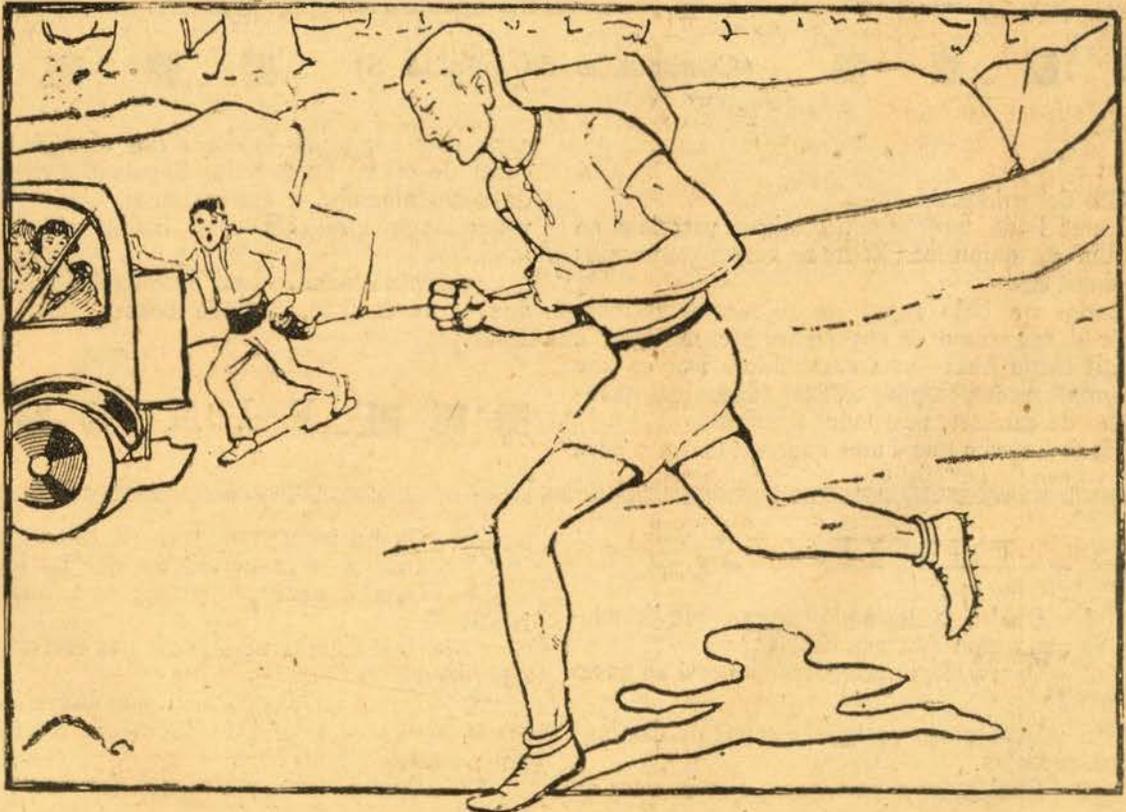
que, por entre a noite morta,
no meio de milhões de astros,
e numa auréola de luz,
vira o Menino Jesús
baixar do Céu e, de rastros,
entrar pelas chaminés
das casas de cada um!

—«Talvez que à déle também
viesses! Comtudo... hum!...
Não percebera bem.»

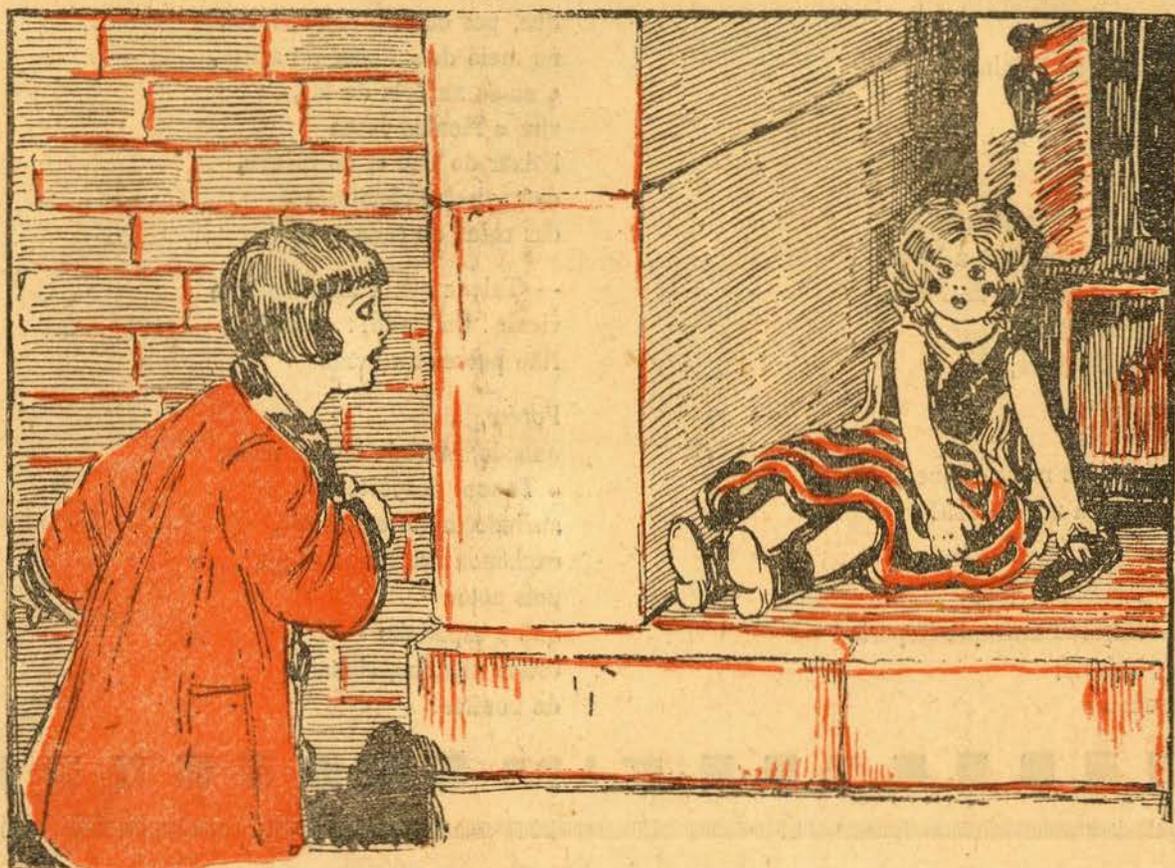
Porém,
quando, passada hora e meia,
o Tuneca despertou
abrindo muito os olhitos,
exclamou surpreso: — «eia!...»
pois notou
que o sapatinho
estava cheinho, cheinho
de bonitos!

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

PARA OS MENINOS COLORIREM



CORRIDA «MARATONA»



A BONECA DO MENINO JESUS

(Continuado da página 5)

* * *

São decorridos dez anos.

Numa linda tarde de Setembro, passeiam no jardim da quinta das Rosas os nossos conhecidos personagens.

Carlos um belo rapaz de 20 anos espera concluir o seu curso de engenheiro para desposar a gentil Maria Ana:—uma encantadora morena que assim vê recompensadas as suas admiráveis qualidades de character, pois todos a adoram.

Maria Eugénia que é uma adorável lourinha deve

casar com um primo logo que este termine o seu curso de oficial do exército. Seguindo o exemplo da sua amiguinha, é extremamente boa e muitas vezes lhe lembra com pesar quanto era má e a fazia sofrer.

Conservam ambas, como recordação, a boneca que as reconciliou, a linda boneca do Menino Jesus.

F I M

ADIVINHAS

- 1 — Qual é a terra portuguesa que tirando-se-lhe um acento está nas Escolas?
- 2 — Qual a terra portuguesa que está no nosso quarto?
- 3 — Qual o rio português capaz de dar fuga a um prêso?
- 4 — Qual a terra portuguesa que se toma ao chá?
- 5 — Qual a terra portuguesa que se encontra em todas as casas?

- 6 — Qual a terra portuguesa que está no mar?
- 7 — Qual a terra portuguesa que faz louça?
- 8 — Qual a terra portuguesa que está por baptisar?
- 9 — Qual a terra portuguesa que está sempre em guerra?
- 10 — Qual a terra portuguesa que dá azeitonas?
- 11 — Qual a terra portuguesa que é também um rio muito grande?
- 12 — Qual a terra portuguesa que serve para fritos?
- 13 — Qual a terra portuguesa que serve para abrigo do emblema da inocência?